

# 30% de mulheres: um balanço necessário

Um ano após a aprovação de cotas de mulheres nas direções partidárias merece uma avaliação. Saber de sua aplicação, resultados e conseqüências não se restringe a um caráter numérico meramente. Diz respeito à nossa ação política, às deliberações partidárias de "fato" e, principalmente, a capacidade de nossas direções assimilarem a luta pelo fim à opressão das mulheres de forma mais incisiva.

Num balanço ainda parcial dos resultados atingidos a nível nacional feito pela Sub-secretaria Nacional de Mulheres - podemos dizer que cerca de 22% das direções estaduais e das capitais cumpriram com Ação Afirmativa. A dimensão geográfica de nosso país dificulta obter mais informações, porém avaliamos que torna-se mais difícil quando às próprias direções ficam alheias à implementação das cotas, a fiscalização de inscrição das chapas por ocasião dos Encontros e pra ajudar mais ainda, isentam-se de informar à nossa base militante os mecanismos e cálculos necessários para a aplicação das cotas. Observamos que as mulheres tornaram-se porta-vozes dessa tarefa. É certo, que empunhar essa bandeira nos demonstra que a sensibilização de várias companheiras sobre a opressão de gênero cresceu, isto se demonstra na postura política dessas ousadas militantes que têm procurado estar presente na vida partidária e atentas à questões específicas das mulheres.

As mulheres romperam a hegemonia masculina no poder político-partidário, estão trazendo discussões inéditas, conteúdos e formulações nunca antes feito pelas nossas direções. Entender que a construção dos indivíduos também passa pela sua condição enquanto ser masculino ou feminino, não poderia ficar na constatação histórica (ou teórica?). Por isso a ação afirmativa/cotas têm um significado muito concreto em nossa ética e princípios políticos.

Essa proposta traz em sua essência um profundo conteúdo revolucionário - o de fazer com que a nossa utopia se construa dia-a-dia. Ainda são grandes os limites e as debilidades pela frente. As mulheres têm resistências ao assumir que estão em cargos de direção devido a sua condição de gênero - de ser feminino. Parece com "vergonha por ser mulher". Precisamos romper com essa "velha mania" de complexo de inferioridade e negação da diferença. Também deve-se pela inexperiência de formular, intervir como direção. De forma meio inconsciente parece que ouvimos: "você é direção agora, você também decide, portanto responda à altura".

Nossa visão e concepção do papel das direções precisa ser revisto. Romper com a visão de hierarquia (de cima para baixo) em nosso partido e fazer organismos partidários mais horizontais é tarefa de todos. Na medida em que delegamos nosso poder a uns e outros - vamos transferindo nossas responsabilidades com o que se constrói.

A ausência de formação política para essas mulheres é um aspecto que consideramos débil. As eleições de 92 amarraram nosso tempo, logo, as atividades internas no partido como sempre, ficaram em segundo plano. Mesmo assim, conseguimos realizar um Seminário Internacional de Mulheres para aprimorar os caminhos/descaminhos dessa polêmica proposta. Foram três dias de abril/92 (27 a 30) onde contamos com mulheres de vários estados. O objetivo desse Seminário era o de levantar todos os problemas para a implementação das cotas no PT, elaborar proposições e tirar ações consensuais com as mulheres que estavam assumindo a parcela de 30% do poder político - partidário - as direções. Contamos com a presença de mulheres dirigentes do PSD - Alemão e PDS (EXPIAR) da Itália, partidos que possuem outras ações afirmativas à participação das mulheres, além das cotas. Os resultados desse proveitoso Seminário já circulam pelos estados. Recomendamos leitura do mesmo a todos os/as militantes interessados em construir o PT. Trata-se de um material muito didático e com ações que, se implementadas, podem modificar em muito o significado geral da presença das mulheres na construção partidária.

Romper com a idéia de que sabemos de tudo quando estamos no poder. Descobrir que nossas posições políticas, refletem as nossas emoções. Traduzir do medo - uma vontade, fazer acontecer com emoções inteligentes e razões emocionadas nossa vida pública/privada.

Construir nossa ousadia, de forma a romper com a tradição milenar de observar o mundo e transformar seus acontecimentos sob uma só ótica: o olhar masculino. Esse olhar em que determinados momentos trai até mesmos seus próprios sentimentos.

O que nos cabe na história ainda está por se fazer. Não é possível imaginar um mundo socialista que traga ranços e vícios desse capitalismo-selvagem. Portanto, nossa ação emancipadora não se reduz ao político que é público. Assim o projeto da Revolução feito por trabalhadoras/es requer pessoas plenas. E a plenitude é uma busca.

Não queremos acreditar que as ações afirmativas aprovadas no 1º Congresso Nacional relativo às mulheres, tenham resolvido no interior do Partido, nossa relação com o poder. Aliás, nunca dissemos algo que fosse reforçar nossas imagem. Mas é bom que se registre o que anda nos corredores da hipocrisia política, aquela prática das raposas velhas antecipava: "aprova que essa mulherada sossega logo... elas só querem mesmo é um carguinho".

Pois o nosso compromisso tomou uma dimensão que às vezes, nos assusta - mas queremos mais!

Desenhar uma nova ética - que respeite o ser humano tal qual ele se apresenta. Que reconheça na natureza e nas espécies com vida um pouco da sua própria vida. A natureza tem uma lei, um signo: chama-se equilíbrio. Olhar para qualquer criança, como se olha para seus próprios filhos. Ampliar na luta pela terra ou moradia - um respeito ao espaço que se ocupa.

Fazer da ação sindical e popular uma experiência coletiva, onde cada pessoa que queira participar, encontre sua identidade no que pretende construir. Só assim será possível fazer da revolução algo desejável... amar, sobretudo nossos sonhos.

A tarefa das próximas direções, é muito mais que colocar o partido nos trilhos da conjuntura. A ordem dos vagões, aqui, altera o produto.

Não podemos compreender que nossa ação político-partidária, se reduz às disputas eleitorais, ou ações institucionais. O papel de um partido dirigente, de massas e socialista é o de estar abrindo novas polêmicas, sinalizando alternativas contraditórias ao modelo e funcionamento do capitalismo. Lançar um alvo para fazer da democracia socialista algo real, radicalizar na democracia interna - estas são ações constantes na nossa forma de fazer/ver a política.

O PT precisa estar atento e forte. Cavando fundo a ferida do moralismo, da ética burguesa. Esta que respiramos inclusive em nossas organizações. As mulheres e outros setores sociais oprimidos sabem muito bem como é estar pensando uma estratégia de organização contando sempre com seu opressor ao lado, na mesma trincheira... (Será?...)

Projetar-se nos Movimentos de Cidadania significa apostar na diversidade, entender que a revolução que tanto desejamos precisa acontecer sobre toda a nossa expressão de vida, inclusive acontecer nos sonhos de cada ser.

"Seja tudo o que deseje, até não houver desejo que já não seja".

Se o mundo que almejamos não tornar-se um desejo de todos/as os/as oprimidos/as, não poderemos combater essa ilusão chamada neoliberalismo. Esse conceito deforma as pessoas, no aspecto pessoal, psicológico e emocional - podemos observar que a violência tornou-se cada vez mais habitual às nossas vidas. Mesmo nos espaços políticos da esquerda, a agressão é uma constante - parece que não sabemos mais conviver entre nós.

Assegurar-se que a discussão para uma nova ética pessoal e política aconteça nos meios públicos deve ser tarefa da esquerda. "Não há atalhos. A elaboração de uma organização socialista revolucionária, capaz de tomar a ofensiva sem ser absorvida ou aniquilada, que possa ao mesmo tempo salvaguardar os interesses dos grupos que a integram e não apenas reproduzir as estruturas da autoridade e dominação que pertencem ao capitalismo é tarefa gigantesca. Autonomia e organização coesa face à repressão não combinam muito bem".

(Trecho de Sheila Rowbotham, em *A Conscientização da Mulher no Mundo do Homem*)

Sara Eduarda de Casto

da Sub-secretaria Nacional de Mulheres/PR